

COLINAS PARECENDO ELEFANTES BRANCOS – UMA ANÁLISE ACERCA DO CONTO DE HEMINGWAY PELA PERSPECTIVA DA ESTÉTICA DA RECEPÇÃO E A TEORIA DO ICEBERG

LUANA DE CARVALHO KRÜGER¹; CLAUDIA LORENA DA FONSECA².

¹Universidade Federal de Pelotas – luana-kruger@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – fONSECA.claudialorena@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Colinas parecendo elefantes brancos é um dos contos mais famosos de Ernest Hemingway (1899 – 1961), escritor Americano, que participou do grupo conhecido como Geração Perdida, pós Segunda Guerra Mundial. Nesse conto, somos apresentados à história de um casal que se encontra entre Barcelona e Madri, numa estação de trem. O objetivo da viagem é fazer uma cirurgia, e tal assunto é o motivo da discussão do americano e da moça durante toda narrativa. A discussão acontece, pois as personagens divergem em relação à realização do aborto, desta maneira, enquanto o americano considera a cirurgia algo muito simples, além de tratar do assunto de maneira direta e decidida, a moça, Jig, tenta compreender a situação que está ocorrendo de maneira simbólica, além de apresentar-se insegura diante da realização da cirurgia e do que poderá ocorrer depois na relação deles.

Durante a leitura, conseguimos perceber a ausência de informação escrita. Não há informação anterior que nos leve a compreender a ação das personagens, da mesma maneira que não encontramos o desfecho para o tópico que está sendo discutido. Além disso, o narrador apresenta o ambiente em que as personagens estão inseridas e somente interfere em alguns momentos da narrativa, de maneira que, a maior parte da narrativa se constrói através do diálogo entre as personagens. Essa construção do conto é baseada na Teoria do Iceberg, concepção desenvolvida por Hemingway e por ele aplicada, sobretudo à narrativa curta, a qual, juntamente com a perspectiva de análise da Estética da Recepção, nos ajudará a compreender os elementos simbólicos presentes na narrativa, mais especificamente no discurso de Jig.

Nesse trabalho, temos como objetivo apresentar uma possível análise do conto de Hemingway através das duas teorias citadas acima. Dessa maneira, pretendemos apresentar a relação entre elas e como podemos refletir acerca da narrativa apresentada, direcionando nossa análise para o simbolismo presente no conto.

2. METODOLOGIA

A Teoria do Iceberg, desenvolvida por Hemingway, tem como objetivo apresentar em uma narrativa somente o que é necessário para que um leitor consiga compreender e analisar o que está sendo lido. Dessa maneira, Hemingway tentou eliminar tudo que não era necessário para a compreensão do leitor, deixando somente as “palavras-chave” para que o leitor compreendesse o que está sendo tratado. No entanto, cabe ao leitor colocar significação naquilo que lê, bem como ler as entrelinhas dessa narrativa, o não dito. Segundo Darkizola (2013):

A Teoria do Iceberg faz com que as pessoas que leiam [o texto] usem o seu conhecimento para entender o significado fundamental dado por Hemingway. De acordo com Hemingway, o iceberg está um oitavo acima da água e sete oitavos abaixo, o que significa que ele está mantendo sete oitavos do seu significado não mencionado para que o leitor possa decodificar a partir do que está escrito. (DARZIKOLA, 2013, p. 08)¹

Jouve (2002) considera que a leitura linear, ou seja, a leitura inocente realizada pela maioria dos leitores tem importância, embora não permita que o leitor faça um julgamento do texto, pois ele ainda se mantém em uma superfície, descobrindo o texto na medida em que sua linearidade nos apresenta os fatos presentes na narrativa. Segundo o autor:

Se a leitura linear é a mais respeitosa das regras do jogo, não é necessariamente a mais interessante. A sucessão não é a única dimensão da narrativa: o texto não é somente uma “superfície”, mas também um “volume” do qual certas conexões só se percebem na segunda leitura. (JOUVE, 2002 p. 29)

Dentro dessa perspectiva, um texto escrito pela Teoria do Iceberg necessita de uma leitura atenta e de releituras para que tudo que não está dito diretamente seja percebido pelo leitor, através da fala das personagens ou das informações fornecidas pelo narrador.

Além disso, consideramos importante o conhecimento do leitor sobre o tópico que é tratado na narrativa. Desse modo, o nível de conhecimento de mundo do leitor, e o julgamento que ele faz sobre o tema que está sendo tratado na narrativa, irão interferir na sua análise. Segundo Verma (2013), levar em conta o conhecimento do leitor e o que ele espera do texto foi denominado “Horizonte de Expectativas” por Jauss, e é determinante para que o texto seja compreendido pelo leitor. Dessa maneira, antes da leitura ser realizada, o leitor já possui uma expectativa que pode ou não ser quebrada.

Ao tratar do horizonte de expectativas, bem como da releitura, chegamos à Teoria da Estética da Recepção, onde o leitor tem papel fundamental. A maneira como um leitor recebe um texto está conectada com as suas experiências de vida, do mesmo modo que uma sociedade recebe um texto de acordo com seus valores. Rosseto (2010) destaca que:

o ato de leitura tem uma perspectiva dupla na dinâmica da relação com a obra - a projeção desta obra pelo leitor de uma determinada sociedade. Interessa-se pelas condições sócias históricas que formularam as diversas interpretações que a obra recebeu, e assinala que o discurso é o resultado de um processo de recepção ao mover a pluralidade dessas estruturas de sentidos historicamente mediadas. (ROSSETO, 2010, p. 01).

Hemingway apresenta um texto que os leitores podem compreender dependendo dos seus conhecimentos e suas maneiras de receber o texto. Assim, os leitores podem interpretar de maneiras diferentes, porque eles estão em momentos diferentes, diferentes sociedades. A Teoria da Estética da recepção olha para o que o leitor quer dizer sobre o texto. A Teoria do Iceberg faz com que os leitores participem da narrativa, mas se o leitor não vê o mundo ou o tópico que está sendo tratado da mesma forma que o autor e/ou narrador, ele não vai ler o texto da maneira esperada pela Teoria do Iceberg.

¹ A tradução desse trecho foi feita pela autora.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O conto de Hemingway se passa em uma estação de trem. Já no primeiro parágrafo da narrativa, o leitor é apresentado ao espaço onde a narrativa ocorre. A personagem, Jig, compara as colinas brancas que ficam do outro lado do vale com elefantes brancos. O americano não compreende o simbolismo na fala da personagem.

- Parecem elefantes brancos - sugeriu a seu companheiro.
- Jamais vi algum dessa cor - respondeu ele ao tomar um gole de cerveja.
- Nem poderia ver.
- Eu talvez até pudesse - respondeu-lhe ele. - Sua negativa não prova coisa alguma. (HEMINGWAY, 2012, p.175-176)

Nesse momento, o conflito é estabelecido na narrativa. A personagem, Jig, tenta a todo momento estabelecer uma relação simbólica com a atual situação do casal, no entanto, o americano coloca-se sempre em uma posição mais objetiva, onde não há espaço para subjetivismo. O leitor consegue perceber durante o diálogo que Jig apresenta falas metafóricas, onde sempre há uma relação com a natureza, e todo o subjetivismo mostra-se como uma maneira de verbalizar aquilo que está acontecendo, inclusive a confusão em que ela se encontra diante da situação: “A garota olhou de novo para as colinas. - São muito bonitas - afirmou. - Nada a ver com elefantes brancos. Eu me referia apenas à cor que apresentam por entre as árvores.” (HEMINGWAY, 2012, p. 177).

A expressão ‘elefante branco’ é conhecida como algo que não tem utilidade, algo que alguém recebe, mas que é difícil de cuidar, a ponto de ser um problema para quem possui. Sabemos que o aborto é um tópico polêmico e que a realização dele não é algo simples², logo, os riscos envolvidos na cirurgia seriam maiores. No entanto, o americano se posiciona de maneira decidida, afirmando que a cirurgia seria algo simples, “- Estou certo de que não se preocupa com ela [a operação], Jig. É mesmo uma coisa à-toa apenas para que o ar possa entrar melhor.” (...) “- Vou acompanhá-la e estarei o tempo todo a seu lado. Eles apenas deixam que o ar entre, e tudo volta ao normal” (HEMINGWAY, 2012, p. 177). Dessa maneira, enquanto para o americano o aborto é a melhor solução, para Jig ainda não o é, pois ela ainda está tentando compreender o que está acontecendo.

A Teoria da Estética da recepção nos ajuda a compreender que a ação relutante dá-se pelo perigo envolvido na cirurgia e pela decisão que pode ser um erro. Não estamos discutindo somente os problemas físicos que podem ocorrer após uma cirurgia, mas também as questões psicológicas que envolvem a realização de um aborto. Devemos considerar também o contexto de época em que a história se passa. Enquanto ele tem, provavelmente, tudo claro em sua mente, ela está tentando entender toda a situação, tentando convencer-se de que é a melhor coisa a fazer é a vontade do americano. Analisando as entre-linhas, como a Teoria do Iceberg propõe, o leitor pode perceber que ela está insegura pela forma como se comporta diante do diálogo estabelecido.

- Poderíamos ter tudo isto – falou ela. – Não há o que não possamos ter, embora o tornemos impossível a cada novo dia...
- O que é que está dizendo? – Disse que poderíamos ter todas as coisas...
- E poderemos tê-las!

² Até 1985 o aborto não era legalizado na Espanha.

– Não, não poderemos. (HEMINGWAY, 2012, p. 178)

Neste sentido, perder seu parceiro é difícil, mas também a perda de algo que ela não vai ter por causa dele também o é. A relação deles já acabou; eles nunca mais seriam o mesmo que eles eram. Isso pode ser visto pela maneira como eles dialogam. A decisão de realizar ou não o aborto é provavelmente a última decisão.

“- Basta esperarmos um pouco para confirmar isso...” (HEMINGWAY, 2012, p.178). Nas entrelinhas dessa fala, há a ideia de perder tudo que eles poderiam ter. Independente de Jig ser contra ou a favor da realização do aborto, ela sabe que está perdendo algo, não importa se é bom ou ruim, eles estão perdendo o que eles já possuem.

Até o final do conto, notamos a repetição de "estou bem", ou expressões relacionadas a sentir-se bem mencionadas por Jig. Podemos inferir que, na verdade, ela está dizendo o contrário disso. Nada está bem e não vai ficar, pois tudo o que eles tinham agora está desfeito. Neste sentido, parece que ela está tentando convencer a si mesma ou, ao menos, mostrando para o americano que está tudo bem e resolvido. É interessante a forma como o autor brinca com essa repetição, pois mostra como não é o que a personagem está sentindo.

4. CONCLUSÕES

Analisar o conto a partir de duas teorias mostra-se interessante, pois possibilita percebermos como elas se complementam no processo de análise literária. A Teoria da Estética da recepção nos ajuda a compreender como o tópico foi trabalhado e recebido em diferentes momentos, de maneira que atualmente ele pode ser refletido por diferentes teorias e conceitos na sociedade. No entanto, compreender o conto e o que é discutido pela perspectiva das personagens só é possível através do conhecimento do tópico da leitura do que as falas das personagens realmente representam, bem como a tensão envolvida no diálogo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DARZIKOLA, Shahla Sorkhabi. **The Iceberg Principle and the Portrait of Common People in Hemingway's Works.** English Language and Literature Studies; Vol. 3, No. 3; 2013.

HEMINGWAY, Ernest. **Contos de Ernest Hemingway.** (Tradução de VEIGA, José Jacinto). 4. ed. volume 2, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

JOUE, Vincent. **A leitura.** Tradução Brigitte Hervor. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

VERMA, Raj Gaurav. **Locating Reader Response Theory in Jauss's Literary History as a Challenge to Literary Theory.** Language in India Vol. 13:5 May 2013.

ROSSETO, Robson. **A Estética da Recepção: O Horizonte de Expectativas para a formação do aluno espectador.** In: I Encontro do Grupo de Pesquisa Arte, Educação e Formação Continuada, 2010, Curitiba. Anais do I Encontro do Grupo de Pesquisa Arte, Educação e Formação Continuada, 2010.